

Jakellyne Prado



Horta em bairro periférico de São Carlos fornece alimentos saudáveis a moradores

Um novo projeto social tem mudado o dia a dia de um dos bairros da cidade de São Carlos. Chamado de Muda 8, por causa do bairro São Carlos 8, o projeto transformou um descarte de lixo em uma horta

comunitária, fornecendo alimentos saudáveis a preços acessíveis. O projeto foi desenvolvido pela Enactus, organização sem fins lucrativos, em parceria com a prefeitura.

Página 8

Hortas caseiras geram economia

O cultivo de mini-hortas caseiras gera economia para famílias que buscam uma maneira saudável de se alimentar.

Além da economia e saúde, as mini-hortas funcionam como um passatempo. Ter à disposição uma variedade de temperos, leguminosas e vegetais a qualquer hora é mais um dos motivos pelo qual alguns se interessam pelas mini-hortas.

Página 7

Pesquisadores transformam bagaço de cana em areia

Pesquisadores da UFSCar desenvolveram um método que transforma o bagaço da cana-de-açúcar em areia para uso na produção de concreto, substituindo parcialmente a areia natural, retirada do meio ambiente.

Página 8

Mulheres são minoria à frente de secretarias

O **Vitral** realizou um levantamento para identificar o número de mulheres na coordenação de secretarias municipais de Araraquara, Matão e São Carlos. e constatou que, em duas das três cidades, elas são minoria entre os homens.

Matão possui apenas uma secretária em meio a 15 secretários. Em São Carlos

são duas mulheres em 18 pastas. Já em Araraquara o cenário é diferente: mulheres estão à frente de 53,8% do total das secretarias. Segundo o prefeito da cidade, o objetivo, durante a composição do governo, foi refletir a proporcionalidade vista na sociedade

Página 2

Violência contra LGBTs

Foi criada em Araraquara a primeira Comissão Interministerial de Enfrentamento à Violência contra LGBTs. O objetivo é prevenir, enfrentar e reduzir violências praticadas contra a comunidade.

A comissão trabalha com projetos de conscientização social e de igualdade de gênero. Outro trabalho que está em desenvolvimento desde o começo do ano é a implantação do programa de igualdade LGBT no Sistema Único de Saúde (SUS).

Além de trabalhos com a comunidade, a Comissão auxilia LGBTs em casos de violência.

Página 2

SMA lança App Denúncia Ambiente

Os usuários podem fazer denúncias sobre desmatamento, queimadas, tráfico de animais silvestres, poluição e emergências químicas.

Página 5

Aumentam animais abandonados em Araraquara

Dados divulgados pelo Centro de Zoonose de Araraquara mostram que houve um aumento no número de animais abandonados na cidade.

Página 3

Fabricio Mazzoco/CCS UFSCar



Teté Viviani / Prefeitura de Araraquara/SP



Prefeito de Araraquara, Edinho Silva, defende cotas de gênero para equilibrar sistema político

Secretárias municipais são minoria na região

Em Matão, apenas uma mulher ocupa o cargo, na Educação, enquanto em Araraquara elas comandam 53,8% das pastas

Repórter: Raquel Baes

Pessoal, e Glaziela Marques, na Cidadania e Assistência Social.

REPRESENTATIVIDADE

De acordo com Edinho Silva, prefeito de Araraquara, a ideia durante o plano de governo era colocar o número proporcional à população. “Se as mulheres são mais que 50% dos habitantes de Araraquara, nada mais justo do que refletir esse porcentual no governo”, ressaltou.

Em entrevista ao **Vital**, Edinho disse que também a política precisa de mais mulheres. Ele defende cotas de gênero para criar um sistema político mais equilibrado. “A reserva de cotas é importante para que os partidos respeitem as candidaturas femininas, mas ainda não é suficiente. É preciso aumentar a fiscalização para que essas candidaturas não sejam de ‘fachada’”, afirmou Silva. “É preciso que seja realizada uma reforma política”, completou.

“EM ARARAQUARA, 53,8% SÃO MULHERES”

Um levantamento realizado em Araraquara, Matão e São Carlos pelo **Vital** apontou que o número de mulheres que coordenam secretarias municipais ainda é baixo perto do número de homens. Em duas das três cidades, as secretárias estão em menos de 12% das pastas.

A pesquisa mostrou que apenas Araraquara tem um número equilibrado e é a cidade com mais mulheres nos cargos: são sete secretárias em 13 secretarias, ou seja, 53,8% do total.

Já em Matão, a secretária de Educação, Débora Milani, é a única mulher a ocupar um cargo dessa natureza, dentre as 16 secretarias da cidade.

Em São Carlos, as secretárias também são minoria. Apenas duas mulheres aparecem entre 16 homens. São elas Helena Maria Cunha, na secretaria de Administração e Gestão

Comissão LGBT de Araraquara ajuda vítimas de ódio

A Assessoria Especial busca garantir os direitos humanos e das minorias

Repórter: Adolfo Queiroz

Foi criada em Araraquara a primeira Comissão Interministerial de Enfrentamento à Violência contra Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, com o intuito de prevenir, enfrentar e reduzir as diversas formas de violência praticadas contra a comunidade LGBT na cidade e região.

A Assessoria Especial de Políticas LGBT está ligada à coordenadoria de Direitos Humanos e à Secretaria de Planejamento e Participação Popular.

Filipe Brunelli, assessora de Políticas LGBT na Prefeitura de Araraquara, assumiu a gestão em janeiro deste ano. Ela conta que trabalha com o intuito de garantir os direitos humanos e os direitos dos indivíduos desta comunidade, auxiliando o poder executivo a criar políticas públicas que contemplem essa minoria.

Desde janeiro, a assessoria especial realizou 80 atendimentos e registrou 20 casos de ódio e preconceito, sendo 5 casos de agressão física. Os casos têm aumentado por conta do ódio, do conservadorismo e da bancada religiosa presente no poder Legislativo que “colabora para o atraso dos direitos humanos, principalmente os das minorias”, especula Brunelli.



Divulgação

ARARAQUARA CONTRA A



LGBTFOBIA



Contato pode ser feito por telefone, pessoalmente ou através do preenchimento de formulário online

A comissão vem trabalhando desde o início do ano junto à Secretaria de Saúde para implantar o programa de igualdade LGBT no SUS. Entretanto, ainda não existe nenhum corpo técnico voltado somente a este grupo, mas já existe diálogo e novos projetos em andamento.

A Delegacia da Mulher de Araraquara ainda não realiza o atendimento a mulheres trans e travestis, mas a AEPLGBT auxilia a vítima e, se preciso, orienta um processo jurídico que pode ser encaminhado à Defensoria Pública do Estado.

Em Araraquara existe

um serviço telefônico que o LGBT vítima de agressão física ou verbal pode acionar, além de um prontuário online no site da prefeitura para denunciar tais casos. Há também o atendimento presencial.

Todos os casos que passam pela assessoria são acompanhados e fiscalizados, garantindo a efetividade da legislação. Existe uma Lei Estadual que caracteriza homofobia como crime e em Araraquara ela é usada, pois é através dela que muitas vezes a AEPLGBT se legitima em garantir os direitos LGBTs.

EXPEDIENTE

O Jornal Vital é um projeto laboratorial experimental, produzido pelos alunos do 3º ano do curso de Jornalismo da Universidade de Araraquara – Uniara, no âmbito das disciplinas “Design e Produção Gráfica” e “Redação e Edição em Jornalismo Impresso”. É publicado no portal do Curso de Jornalismo (<http://www.uniara.com.br/cursos/presencial/graduacao/jornalismo/#item-jornal-vital>)

Universidade de Araraquara – Uniara
R. Voluntários da Pátria, 1.309 – Centro.
Araraquara/SP, CEP 14801-320. F. (16) 3301-7100.

Reitor:
Prof. Dr. Luiz Felipe Cabral Mauro

Chefia do Departamento de Ciências Humanas e Sociais:
Profa. Dra. Eduarda Escila Ferreira Lopes

Coordenadora do Curso de Jornalismo:
Profª Me. Elivanete Zappolini Barbi

Professores Orientadores:
Luiz Carlos Messias da Silva (Reportagem, Redação e Edição)
Profª. Me. Solange Luiz (Design gráfico e fotografia)

Secretária de Redação:
Camila Gonçalves Jardim

Editores de Texto:
Beatriz Flório Pereira
Carlos de Melo Rodrigues
Claudinei Jorge Feitoza Júnior
Rodolpho Henrique Cardoso

Repórteres:
Adolfo Alves de Queiroz Neto, Ana Luíza Ordonho Marin, Claudio Antonio Chelli Silva, Fernanda Renata da Silva, Isabela Cristina Marques Luiz, Jakellyne Santos Prado, José João Jordão Júnior, Kalinka Bacacicci, Larissa Fernanda Augustinho, Leonardo Branco Nogaes, Luis Renato de C. Damim, Rafael Gouvêa Silva, Raquel Baes, Sarah Geovana Barros da Silva, Tainara Fontana, Talissa Fávero, Thiago Henrique Carvalho, Viviane Mendes Reis, Walter Strozzi.

Araraquara é uma das cidades mais arborizadas de São Paulo

Para preservar suas árvores, cidade criou lei para normatizar poda e corte

Repórter: Luis Renato Damim

A arborização urbana, plantação de árvores em praças, parques e nas calçadas de vias públicas, é hoje uma das mais relevantes atividades da gestão urbana, devendo fazer parte dos projetos e programas urbanísticos das cidades.

Araraquara foi considerada em 2012 a cidade com mais árvores em ruas na região, segundo o IBGE. O Boulevard dos Oitis, no Centro, é um dos principais pontos quando o assunto é arborização: ao longo da Rua Voluntários da Pátria estão dezenas de árvores centenárias.

Segundo o programa Município Verde Azul, do governo estadual de São Paulo, Araraquara era a sétima cidade mais arborizadas do estado em 2014.

Com o objetivo de preservar suas árvores, a Câmara Municipal de Araraquara aprovou uma lei complementar, em 2013, para normatizar a poda e o corte. Ficou estabelecido que a poda pode ser feita por pessoa física ou jurídica, pro-

prietária ou não. No entanto, é preciso comunicar posteriormente à Prefeitura informações de quem realizou o trabalho, data da poda, localização da árvore e destino final dos galhos. No caso de corte, quem for realizar o serviço deve ser cadastrado junto à Prefeitura, que também precisa ser avisada previamente. Se não for funcionário municipal, a pessoa precisa ter um curso ministrado pelo setor competente, seguir orientação de material explicativo da Prefeitura ou comprovar a experiência.

PERDA DE ÁRVORES

Um estudo feito por estudantes de Biologia da Universidade de Araraquara (Uniara), divulgado em 2017, constatou que a cidade está perdendo suas árvores. Foram analisadas 3.760 plantas, das quais 55,93% apresentavam boa saúde, 27,07% estavam regulares, 15,45% ruins e 1,54% mortas, com possibilidade de queda em dias de chuva forte.

O aposentado Geraldo Domingos, de 71 anos, considera que a aprovação



Luis Renato Damim

No Boulevard dos Oitis, ao longo da Rua 5, dezenas de árvores centenárias compõem a paisagem

da lei fez com que a arborização da cidade caísse. “Acredito que Araraquara perdeu um pouco suas características de um lugar arborizado porque, com essa lei, a responsabilidade passou para a população e nem sempre os moradores querem gastar para fazer a poda. Venho observando que as árvores estão sendo podadas incorretamente e morrendo”, avalia

O professor universitário Geraldo (nome fictício), de 48 anos, acredita que a população não enxerga as árvores como patrimônio público, o que tem diminuído o plantio. “Essa queda só terá solução se os municípios valorizarem o espaço natural, mas tudo sendo planejado. Lembrando que uma boa convivência com a arborização vem através da educação da população”, afirma.

Abandono que assusta

Repórter: Thiago Carvalho

Dados divulgados pelo Centro de Zoonose de Araraquara mostram que de janeiro a agosto deste ano foram recolhidos 273 animais, sendo 140 cães, 125 gatos e 8 outros. No mesmo período de 2016, foram registrados 220 casos.

Segundo o Departamento de Vigilância em Saúde de Araraquara, a alta na incidência se deve a desinformação e ao descaso da população.

A gestora de projetos, Luciana Fillipo, dá como exemplo a castração - o procedimento custa entre R\$ 200 e R\$ 800 em clínicas particulares. “Atualmente nós oferecemos o serviço às famílias de baixa renda por R\$ 80. Ainda assim, a procura é baixa”.

Ela conta que, graças ao auxílio do Canil Siciliano, parceiro da Prefeitura, os animais capturados através de denúncias ou fiscalização re-

cebem os cuidados necessários para serem colocados em adoção.

“Eles são recolhidos e encaminhados ao Centro de Zoonose, onde fazemos uma triagem. Os cães mais velhos e debilitados ficam no Centro, já os mais novos são encaminhados ao canil”, explica.

CANIL SICILIANO

A proprietária do Canil Siciliano, Alessandra Vanesca de Campos, explica como se dá todo o processo, antes do animal ir para adoção. “Quando a prefeitura traz os animais, nós fazemos os exames, castração e o serviço de chipagem para identificação. Para que ele seja adotado, existem vários requisitos que o interessado deve cumprir, assinando um termo de responsabilidade. Se futuramente o animal for recolhido novamente, dependendo da situação, o dono é autuado e multado”.

Ibitinga sofre com as numerosas queimadas em 2017

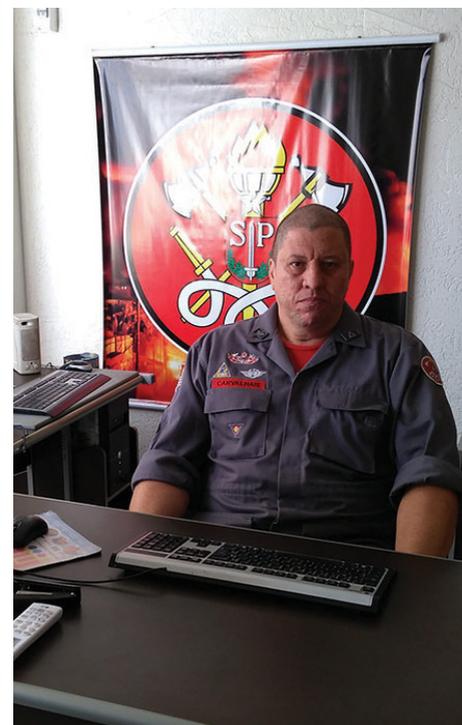
Áreas rurais e urbanas sofrem com as chamas

Repórter: Claudio A. Chelli Silva

Considerada uma Área de Proteção Ambiental, Ibitinga vem sofrendo em 2017 com as inúmeras queimadas. De janeiro a setembro, mais de 450 hectares de cultivos, principalmente cana de açúcar e laranja, foram consumidos pelo fogo. As áreas de preservação também foram atingidas em menor escala.

Segundo a Polícia Ambiental de Ibitinga, foram registradas mais de 40 ocorrências de queimada. O uso de fogo é considerado crime ambiental. Neste ano, foram 9 infrações relacionadas a queimadas, que totalizam o valor de R\$ 303.392,98 em multas aplicadas.

O Corpo de Bombeiros desenvolveu a Operação Corta Fogo, com o intuito de alertar a população e os proprietários de terrenos a não atearem fogo. Em áreas agrícolas, a queimada deve ser realizada com autorização prévia da CETESB.



Claudio A. Chelli Silva

Subtenente Carvalho dos Santos

Leonardo Nogales



Com a operação “Saturação” a Polícia Militar espera reverter a sensação de insegurança da população

Crimes assustam Ibitinga

Violência preocupa moradores da cidade e da área rural

Repórter: Leonardo Nogales

Casos de roubos e violência têm crescido e com esses, o medo por parte da população de Ibitinga, até então uma pacata cidade. O medo é o principal fator que torna o morador da cidade inseguro. Para amenizar o temor de ser vítima de violência, alguns moradores estão mudando suas rotinas cotidianas.

A falta de segurança faz Sandra, moradora do Jardim Natália, ressaltar a alarmante situação. Segundo a ibitinguense, não há outro recurso a não ser ficar “trancada” em sua residência. “Tenho medo de sair de casa. Fico insegura com isso. Temo que algo aconteça comigo ou com algum familiar”, completa.

A sensação de insegurança não se aplica apenas aos espaços públicos. Locais fechados não são tão seguros quanto deveriam ser. A filha de Sandra quase foi esfaqueada por outra garota na escola. A mãe se sente incomodada pela falta de agilidade dos policiais no caso. “Eles só vão quando já aconteceu e não tem como fazer mais nada”, lamenta.

A insegurança não é sentida só na cidade. Moradores das áreas rurais também passam pela situação. Infratores têm roubado bens e animais das propriedades. O animal é morto e limpo e deixam para trás a carcaça e o prejuízo causado aos proprietários.

O Sindicato Rural de Ibitinga, em parceria com a Prefeitura e a Polícia Militar, desenvolveu o projeto “GPS Caipira”. Os órgãos públicos buscam, com este projeto, amenizar esses problemas de insegurança no meio rural.

GPS CAIPIRA

O projeto GPS Caipira consiste na sinalização de propriedades rurais, através de placas indicativas da localização de sítios, fazendas, chácaras, etc., com um código específico e individual. O objetivo é facilitar a identificação de forma rápida e eficiente.

Para muitos moradores, a segurança na cidade pode estar em estado alarmante, mas, segundo o Capitão Coelho, responsável pela 5ª Cia. de Polícia Militar de Ibitinga e região, a PM está buscando esforços para combater a crescente onda de crimes e encontrar mecanismos de prevenção e combate ao tráfico de drogas. Desde agosto, diversas operações foram realizadas para coibir a ação de traficantes em diversos bairros da cidade.

Dentre as operações, está a “Saturação”, que aconteceu no bairro Vila Simões. A ação da PM prendeu duas pessoas, drogas e dinheiro. Ainda segundo o Capitão, novas ações acontecerão até o fim de 2017, com o objetivo de reduzir o número de infratores pelas ruas da cidade.

Violência causa danos a vítimas

Situações podem causar distúrbios psicológicos em vítimas e testemunhas

Divulgação



Em Araraquara, furto é o crime mais registrado, seguido de lesão corporal e roubo

Repórter: Talissa Fávero

Tragédia, destruição, terrorismo, fatalidade. Quantas dessas palavras aparecem nos noticiários diariamente numa tentativa de descrever a violência urbana que atinge todo o mundo? Nos últimos anos, a violência no Brasil alcançou números bastante elevados, dizem as estatísticas. De acordo com os dados de 2016 do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, entre 2011 e 2015, a violência no país matou mais pessoas que a Guerra na Síria.

O interior de São Paulo também não foge à regra. Apenas na cidade de Araraquara, 1903 notificações de furto foram registradas de janeiro a julho deste ano. Os roubos somaram 523 notificações e as lesões corporais chegaram a 686. Esses crimes foram os mais registrados no município e a população é quem so-

fre com a falta de segurança. A professora da rede pública Patrícia Bezerra da Silva já sentiu na pele o medo da violência. No ano passado, ela teve a carteira roubada em plena luz do dia e diz que até hoje sente os reflexos do assalto. “Desde então, nunca mais me senti segura. Eu tinha a sensação de alguém me seguindo e que eu ia ser assaltada de novo”, relembra. Patrícia revela que até sua rotina foi afetada por conta do medo: “Nunca mais saí na rua tranquila. Tenho um medo constante”.

Situações de violência como essa podem causar, em vítimas ou testemunhas, o desenvolvimento de transtornos mentais. De acordo com o psicólogo Lucas Perches, é importante que o atendimento psicológico seja feito o mais rápido possível, a fim de minimizar as consequências do trauma: “Falta de ar ou respiração acelerada, dores

no peito, tensão muscular e pensamentos de perseguição são muito comuns. Quando esses sintomas começarem a atrapalhar a rotina da pessoa, é necessário buscar ajuda profissional”, adverte.

Para a doutora em Sociologia Ana Paula Silva, a violência urbana é causada pela desigualdade social, que ocorre devido à precarização dos serviços oferecidos pelo Estado. Segundo a socióloga, a falta de segurança pública afeta a população direta ou indiretamente e qualquer pessoa pode ser uma vítima, independente do lugar onde mora. Ana Paula acredita que a diminuição da violência está ligada a serviços públicos de qualidade. “Uma polícia mais eficiente e menos violenta, educação de qualidade, que produza cidadãos cientes de seu lugar no mundo social, e infraestrutura urbana de qualidade são os pilares principais de uma sociedade mais segura”, afirma.

Reciclador transforma resíduos

A operação do reciclador em São Carlos conta com ajuda da população

Repórter: Larissa F. Augustinho

Em São Carlos, no bairro Monte Carlo, um reciclador orgânico promete mudar a forma de tratar os resíduos orgânicos utilizados na horta existente no local. O reciclador em questão dará início a uma gestão comunitária dos resíduos, contribuindo para a sustentabilidade e conscientização ambiental.

De acordo com Marina Liam, que é da equipe NuMI-EcoSol, da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), a ideia do projeto é que os moradores do bairro Monte Carlo levem seus resíduos orgânicos domésticos (como cascas de frutas, legumes, restos de verduras) até a horta. Também serão coletados os resíduos orgânicos gerados no Centro da Juventude, com a alimentação das crianças e jovens.

Depois, esses resíduos serão depositados no reciclador, por um membro da Horta, misturados com matéria seca (folhas, serragem, etc) e em

alguns meses se transformarão em adubo para o cultivo na horta. O chorume, líquido que é produzido no processo de decomposição, e que em lixões é um contaminante, é um excelente fertilizante e também será utilizado.

A horta é uma atividade desenvolvida pelo Centro de Juventude Elaine Viviani, com a participação de moradores do bairro Monte Carlo e da equipe do Núcleo Multidisciplinar e Integrado de Estudos, Formação e Intervenção em Economia Solidária, (NuMI-EcoSol), da UFSCar.

Segundo Marina, o Centro da Juventude Elaine Viviani foi construído em 2005. “Foi um projeto do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), com a ideia de ser um espaço da Prefeitura municipal com atividades para os jovens”, conta.

Em 2008 o lugar passou por uma reinauguração, quando foi feito um acordo com o Fundo Social de Solidariedade. Desde então, o local oferece cursos



Marina Matteu / divulgação

Reciclador tem ajudado pessoas no bairro

de manicure, corte e costura, construção civil, entre outros. Também passou a reunir pessoas de diferentes faixas etárias. A ideia da horta no Monte Carlo começou em 2009, através de um projeto da UFSCar, com a prefeitura cedendo o espaço.

O reciclador orgânico é uma parceria com o educador e empreendedor Antonio Sant’Ana

Galvão, que desenvolveu o projeto de uma estrutura em alvenaria, que será o primeiro do tipo em São Carlos. É desenvolvido por alguns moradores, estudantes e professores da UFSCar. A proposta de gestão comunitária já existe em outros bairros de São Carlos. O diferencial é que este será o primeiro reciclador de alvenaria da cidade.

Ponto de Entrega em Matão tem avaliação positiva

O projeto tem um compromisso para tornar Matão uma cidade mais limpa

Repórter: Fernanda Silva

Foram inauguradas em março, na cidade de Matão, as duas primeiras unidades do Ponto de Entrega Voluntária (PEV). Os locais são destinados ao despejo de entulho, sobras de mobília, materiais de construção, eletrodomésticos, restos de poda, galhos e outros detritos verdes, além do lixo eletrônico como baterias, pilhas e lâmpadas fluorescentes.

O PROJETO

Havendo a necessidade de ter um ponto de entrega voluntário que pudesse receber os vários tipos de resíduos, o projeto foi criado pois há muitas pessoas que descartam produtos e resíduos recicláveis no lixo doméstico, terrenos baldios ou em áreas de proteção ambiental.

Quem está à frente no momento é o diretor de resíduos sólidos Marcelo Favaro Orivietti, que relata a necessidade de a cidade ter no mínimo seis pontos de entrega voluntária. “Da para se perceber que a cidade está mais limpa e não se tem mais tantos terrenos e vias públicas com entulhos”, diz.

O entulho deixado tem uma destinação correta. Os resíduos de poda e de construção civil vão para o aterro da pedreira, os resíduos de construções civis são colocados em uma máquina britadora, onde são triturados e reutilizados para o conserto de ruas, estradas, entre outros. Para o lixo eletrônico, a Prefeitura contrata uma empresa especializada em descontaminação e destinação final desse tipo de lixo. A cooperativa da cidade de Matão faz a coleta dos recicláveis, além de todo o processo de reciclagem



Marina Balan / divulgação

PEV no bairro Vila Cardini, ao lado da escola CAIC

e reutilização. Os galhos das podas ainda estão sem destino adequado. “Estamos realizando um projeto para se ter uma reutilização”, explica Orivietti.

O Ponto de Entrega Voluntária funciona de segunda a sexta das 8h às 18h, sem ho-

rário de almoço. Futuramente deverá funcionar ao sábados também. Uma unidade está localizada no Distrito Industrial Adolfo Baldan, na Rua José Perlato 943, e a outra na Vila Cardim, na Avenida Brasil, ao lado da escola CAIC.



App está disponível para Android e IOS

SMA lança app para denúncias ambientais

Repórter: Carlos Melo

Lançado em janeiro pela Secretaria do Meio Ambiente (SMA) do Estado de São Paulo, o aplicativo “Denúncia Ambiente” é uma ferramenta criada para fazer denúncias sobre desmatamento, queimadas, tráfico de animais silvestres, poluição e emergências químicas.

Desenvolvido pela Companhia de Processamento de Dados do Estado de São Paulo (Prodesp), em conjunto com a SMA, a ideia era viabilizar uma plataforma moderna, adequada às tecnologias disponíveis atualmente, com interface amigável para o usuário e utilização intuitiva.

COMO FUNCIONA

Os usuários podem fazer denúncias anônimas e adicionar relatos com áudios e vídeos de até 30 segundos, além de três fotos.

Após o registro, com base na informação relativa à categoria e o tipo de delito, ela é direcionada ao órgão responsável pelo atendimento.

DADOS

O aplicativo responde por 55,90% das denúncias cadastradas somente na região metropolitana de São Paulo.

O Disque Ambiente, ferramenta até então usada, será desativado. Permanecem disponíveis para denúncias o app, o telefone 190 da Polícia Militar, os canais de contato da SMA e da Polícia Militar Ambiental.

Reflorestamento protege o solo

As matas nativas protegem o solo dos impactos das águas das chuvas

Repórter: Kalinka Bacacici

Matas ciliares são a cobertura vegetal nativa que oferece proteção às águas e ao solo nas margens de rios, lagos e nascentes. Elas reduzem o assoreamento e a força das águas no período das chuvas.

As matas impedem a entrada de poluentes para o meio aquático e formam corredores que contribuem para a conservação da biodiversidade da fauna local.

O biólogo Vladimir Bernardo trabalha com reflorestamento em Ibaté e região. Ele conta que esta região se encontra em transição de dois tipos de mata: as mais fechadas e as mais abertas.

O processo de reflorestamento começa com a escolha de sementes, feitas através da seleção das árvores matrizes. No local, estas árvores são castradas através de um ponto no GPS, que marcam sua exata localização.

O biólogo explica que são

escolhidas várias árvores matrizes para se gerar uma variedade genética da espécie. Além disso, ele ressalta que não pode ser feita 100% da coleta de sementes, apenas 40%. O restante é deixado para que ocorra sua dispersão natural.

Após a coleta, as sementes vão para o viveiro, onde são tratadas e se tornam mais puras possíveis. Então, é feita a retirada da casca das sementes, sua limpeza e retirada de impurezas. Elas são catalogadas com o seu local de origem e separadas em lotes com numeração específica.

Para a formação de cada lote, são colocadas sementes do máximo de árvores matrizes encontradas na região.

Algumas sementes, então, podem ser armazenadas em geladeiras ou câmaras frias, onde diminuem seu funcionamento fisiológico, podendo armazená-las até a próxima colheita. Em casos de outras espécies, elas devem ser plantadas imediatamente.

Segundo Vladimir, as matas ciliares são para a recuperação

de áreas degradadas, dentro da recuperação de áreas nativas, sem fins econômicos. Para ele, a melhor opção ao meio ambiente é a mata ciliar.

“Quando é para área degradada você tem que colocar o máximo de espécies possível. São funções diferentes na natureza. A mata nativa tem a função de preservar mananciais de água e a fauna. A monocultura tem a função econômica de gerar a renda e trabalho. Essas áreas onde são plantadas a monocultura, também são áreas de preservação”, disse ele.

MATA NATIVA

O engenheiro agrônomo Leonardo Piccin Viviani explicou que matas nativas protegem o solo dos impactos das águas das chuvas, evitando o deslocamento das partículas do mesmo para o leito d'água. Segundo ele, sem esta cobertura vegetal, podem ocorrer problemas como a perda da qualidade da água, erosão, perda de nutrientes do solo, e outros.



Mudas de árvores nativas para reflorestamento

Kalinka Bacacici

Tecnologia LED não reduz taxa

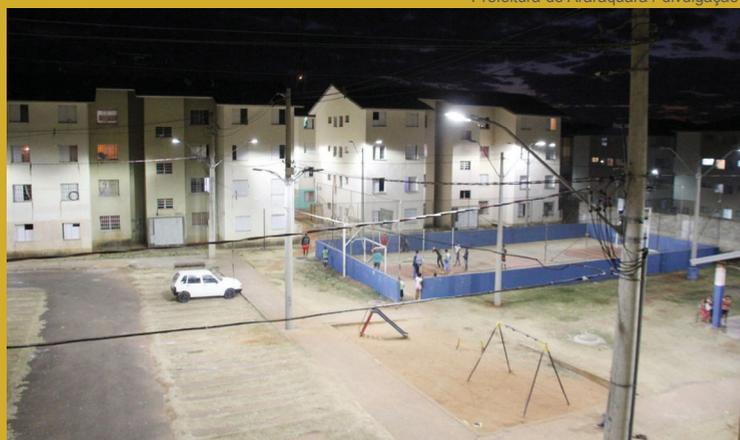
Novo sistema de iluminação melhora a visibilidade

Repórter: Rafael Gouvea

O programa “Ilumina Araraquara”, que vai substituir grande parte do sistema de iluminação pública da cidade, já está em andamento. As lâmpadas tradicionais estão sendo substituídas pela tecnologia dos diodos emissores de luz, o LED, que proporciona uma redução no consumo. Entretanto, essa redução não vai refletir no bolso dos moradores.

Segundo a Secretaria de Comunicação de Araraquara, o investimento vem da CIP (Contribuição para Iluminação Pública), taxa já paga pelos moradores, fato que não vai influenciar na cobrança.

O balconista José Antônio é morador do Residencial dos Oitis, local beneficiado pela primeira etapa do programa.



Prefeitura de Araraquara / divulgação

Residencial dos Oitis já conta com novo sistema de iluminação

No bairro foram instaladas 113 lâmpadas de LED, um investimento de cerca de R\$ 250 mil dos cofres públicos. Apesar de não haver mudança no valor da taxa, ele está contente. “A nossa esperança era de uma diminuição na conta; como não houve, nos contentamos porque a melhora na iluminação pública está ligada diretamente

a uma melhora na segurança pública”, diz.

O LED, além dos benefícios citados, possui um custo de manutenção reduzido, em função de sua longa vida útil. O objetivo é melhorar a iluminação em outros pontos importantes de Araraquara, como parques, praças, corredores e acessos aos bairros.

Onze anos de coleta seletiva

Em Araraquara e Bueno, Cooperativa Acácia é a responsável pelo serviço

Repórter: Isabela Marques Luiz

Em Araraquara, a coleta seletiva ocorre desde 2006 por parceria entre Prefeitura, Departamento Autônomo de Água e Esgoto (DAAE) e Cooperativa Acácia, que realiza o serviço também no distrito de Bueno de Andrada. Praticamente todos os bairros de Araraquara possuem coleta seletiva, com exceção dos mais novos, como Valle Verde, onde a demanda ainda não pode ser atendida.

A Cooperativa Acácia conta com 160 cooperados, dos quais 90 ficam na usina de triagem e 70 fazem a coleta de porta em porta. Cada bairro é atendido uma vez por semana, exceto São José e Santa Angelina, bastante populosos, que são atendidos de segunda e quinta-feira.

Todos os meses são coletadas, em média, 483 toneladas de recicláveis.

Em diversos bairros, a população reconhece a importância da coleta seletiva. A cuidadora Jucelene Sarzedas, do Jardim Iedda, afirma que o serviço é muito importante. “Muitos de nós não temos tempo de levar até a cooperativa, então com os cooperados passando de casa em casa ajuda bastante”, diz.



Marta Joaquim / divulgação

Cerca de 483t de recicláveis são coletadas por mês

Boa Esperança se prepara para receber o projeto horta educativa

O projeto para crianças de 4 a 10 anos ressalta importância do meio ambiente

Repórter: Camila Jardim

A escola municipal EMEF “Ver. Antonio Jarbas Beraldo”, de Boa Esperança do Sul (SP), receberá em breve o projeto Horta Educativa, que busca ensinar conceitos de valorização do meio rural e de educação ambiental. Alunos de 4 a 10 anos e suas famílias serão convidados a se inteirar e participar.

Cleber Ramos, responsável pelo setor de Comunicação da Prefeitura, conta que os alunos receberão o “kit horta”. Cada kit contém: carriolas, enxadas, cartilhas, sementes, entre outros equipamentos. As aulas acontecerão dentro da unidade escolar e o terreno já começou a ser preparado. Ele comenta também que o projeto, por hora, acontecerá somente para os alunos da escola.

A cartilha ensinará como funciona uma horta e a importância dos alimentos produzidos de forma orgânica. Na escola, os alunos terão aulas práticas sobre o cultivo das hortaliças e plantas medicinais.

Os pais serão convidados a participar do projeto ajudando com o cultivo. Cléber explica que isso faz com que haja um estreitamento na relação entre escola e os pais dos alunos.

A princípio, existem duas possibilidades de destino para o que é produzido: os alunos levarem o produto para casa para o consumo próprio ou consumirem o que for produzido na merenda escolar. Tudo dependerá do quanto as crianças conseguirem produzir.

Ramos explica que a Horta Educativa tem a finalidade social de ensinar as crianças a terem uma alimentação correta e responsabilidade sobre a produção do próprio alimento.

Na área econômica ele diz que não haverá ganhos. “Economicamente não há muito o que esperar já que o local é pequeno e será cultivado pelas próprias crianças” conta.

Segundo ele, dentro do projeto, os participantes também aprenderão a reutilizar restos de alimentos para produzir adubo e insumos, que retornarão a elas na forma do alimento consumido. A ideia de produzir a própria comida leva



Divulgação / Assessoria

Terreno da EMEF. Vereador Antônio Jarbas Beraldo já está em obra

até a criança a noção de sustentabilidade, ensinando que o desperdício de alimento é ruim para todos.

O aluno Lucas Monteiro conta que está ansioso para que o projeto comece, pois sua família possui uma horta caseira e que, assim, logo ele poderá ajudar no

cultivo. “Eu acho muito legal aprender essas coisas, vou poder ajudar em casa agora” diz.

A mãe de Lucas, Nátyl Monteiro, também espera a chegada do projeto. “Acho que vai ser muito bom para as crianças se envolverem em atividades como esta”.

Casca, polpa e caroço

Repórter: José João

O aproveitamento integral de alimentos, em épocas de crise e conscientização ambiental, vem se tornando uma prática cada vez mais recorrente no dia a dia dos lares brasileiros.

A ideia é potencializar o aproveitamento de partes de alimentos, como cascas de frutas e legumes, e também talos de verduras. Tudo isso visando diminuição do desperdício e acarretando a consequente preservação do meio ambiente, atrelado à economia cotidiana.

E Araraquara é privilegiada nesse segmento, pois a Prefeitura possui uma Coordenadoria de Segurança Alimentar que oferece cursos temáticos que instruem a população sobre o tema, realizados na Cozinha Escola Comunitária, anexa ao Restaurante Popular I.

Sobre o curso, a Engenheira de Alimentos Fernanda Silvestre des-

tacou que “o objetivo é evitar o desperdício, gerar um rendimento melhor nas preparações e consequentemente reduzir custos”. Ainda salienta que “há uma melhora no valor nutricional das refeições, pois essas partes não convencionais, como as cascas, possuem nutrientes em maiores proporções do que na própria polpa de fruta”.

Adepto a esse estilo de vida, Bruno Pinheiro justifica que sua opção é mais idealista, pois acredita que evitando o desperdício consequentemente contribui para o meio ambiente. Ele ressalta que “nem tudo você aproveitará comendo”. Cita o exemplo da compostagem, uma técnica que estimula a decomposição de materiais orgânicos, obtendo um material estável rico em húmus e nutriente mineral para o solo. “Por morar em apartamento, para mim é inviável. Porém, tenho plantas. E às vezes misturo borra de café à terra, assim consigo fertiliza-las”, diz ele.

Famílias enriquecem alimentação com mini-hortas

Vida mais saudável e econômica nas compras

Repórter: Sarah Barros

Ter uma horta em casa é uma opção para quem busca saúde. Com um “varejão” à disposição, é fácil preparar pratos mais saborosos.

A família Cardoso se mudou para uma casa com grande espaço. Foi daí que Renato Cardoso, 42 anos, teve a ideia. A esposa, Rita de Cássia Cardoso, 42 anos, aderiu e começou a mini horta.

ECONOMIA

Maria dos Santos, 68 anos, aproveitou sua plantação para fazer economia. “Não tenho gasto nenhum, sempre reutilizo o que sobra.”

DICA

Local iluminado, jardineira, argila, terra preta, uma pá e tesoura. Compre mudas, sementes e regue uma vez/dia.



Rodolpho Cardoso

Hortas caseiras tiram peso do bolso



Produção de verduras e legumes em vez de lixo

Lixão vira horta modelo

Repórter: Jakeline Prado

Projeto social comandado por alunos universitários tem feito a diferença na vida de moradores em São Carlos (SP). Criado no fim de 2014, o projeto recebe o nome de Muda 8, e tem o objetivo de conseguir fornecer alimentos frescos a um preço acessível, dentro da própria comunidade, e ainda orgânicos.

O lixo era um dos principais problemas no bairro, já que acarretava em uma série de incômodos como poluição e doenças. No bairro, havia um terreno de 2.300m², que continha mais de 150 toneladas de lixo. Após algumas reuniões da equipe, ficou decidido a instalação de uma horta orgânica no local. Em parceria com a Prefeitura, foram retirados 12 caminhões de lixo.

No espaço tem sido possível produzir alimentos em média 25% mais baratos que os tradicionais. O ideal é que os alunos consigam ocupar todo o terreno para realizar a venda das hortaliças, de forma que todo o escoamento seja feito no próprio bairro, para que a comunidade tenha acesso.

De acordo com um relatório de estudo da Secretaria do Desenvolvimento Sustentável, Ciência e Tecnologia de São Carlos, foi constatado que existem pelo menos outros 69 terrenos, que estão sendo usados como pontos de descarte irregular de lixo na cidade, onde o projeto pode ser reproduzido.

O projeto Muda 8 faz parte da Enactus, uma organização sem fins lucrativos. A horta está localizada na Avenida Comendador Oscar Ferreira, 2120, no bairro São Carlos 8, e funciona em horário comercial.

A arte de rua transforma espaços urbanos

Graffiti diversifica opiniões com seu impacto visual

Repórter: Tainara Fontana

Ao longo dos anos, a área urbana de Araraquara tem se transformado pelas mãos dos artistas de rua, que deixam cores e formas pelos muros da cidade. No entanto, essa manifestação causa discussões, principalmente em relação à aceitação da sociedade, já que gera uma interferência na vida de quem observa. Alguns não reconhecem a diferença entre graffiti e pichação.

O graffiti surgiu em Nova York, Estados Unidos, nos anos de 1970, quando alguns jovens começaram a deixar suas marcas pela cidade, chegando no Brasil no final da década. Ele vem das artes plásticas e hoje é feito de maneira pública, desenvolvido em diversas cores e com o uso de diversas técnicas de desenho. Já a pichação é considerada uma forma de manifestação, algo para chamar atenção de quem

lê, através da escrita, desafiando pessoas ou até mesmo grupos sociais, enquadrando-se como uma forma de vandalismo sem violência.

Para algumas pessoas, esse tipo de arte é algo que suja a aparência urbana. Essa é a opinião da jornalista Marshelle Vasco, que é contra qualquer tipo de arte em área pública. “O artista pode ser o melhor na área, porém não tem o direito de pintar no que não é exclusivamente dele. Considerando o local público, a paisagem urbana interfere no direito da população em geral, podendo interferir na manutenção do espaço”, diz.

Já o arquiteto Willian Sormaní, que tem seu estabelecimento decorado pelo graffiti, é a favor dessa arte. “Essa interferência artística incentiva a criatividade, reflexão, alegrando o local e dando vida ao espaço público. Além disso, os locais que possuem graffiti tendem a diminuir a pichação”, fala.



Graffiti do artista Luís Sniffo, em Araraquara

O artista Luís Sniffo tem relação com o graffiti há mais de dez anos, mas trabalha na área há quatro. Ele defende o graffiti como forma de expressão. “Todos querem se comunicar por diversas formas, a arte é uma delas. O graffiti já é aceito pelo mercado e população, mas para algumas pessoas a arte de rua pode agredir visualmente, sendo que diversas propagandas publicitárias

são espalhadas pela cidade, porém isso não consideram uma forma de agressão visual. A arte tem uma intenção construtiva em mudar o olhar do indivíduo, gerando reflexão”, pontua.

Segundo Sniffo, o trabalho tem dificuldades e recompensas. “O reconhecimento das pessoas e a ressignificação do ambiente com a intervenção da arte valem a pena”, conclui.

Bagaço vira areia para construção

Pesquisadores desenvolvem método que transforma bagaço de cana em areia

Repórter: Ana Luíza Marin

Pesquisadores do Departamento de Engenharia Civil da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) desenvolveram um método que transforma o bagaço da cana-de-açúcar em areia para uso na produção de concreto, substituindo parcialmente a areia natural, retirada do meio ambiente.

Eles afirmam que o uso do material aumenta a durabilidade de concretos e argamassas, além de beneficiar o meio ambiente.

A areia da cinza do bagaço da cana, ou ACBC, é pesquisada no campus de São Carlos (SP) desde 2008, sob orientação do professor Almir Sales, líder do Grupo de Estudos em Sustentabilidade e Eco-eficiência em Construção Civil e Urbana (Gesec). A escolha do material foi feita pelo próprio grupo e, desde então, a nomenclatura vem sendo adotada

por outros pesquisadores e em diferentes publicações.

PESQUISA

Segundo Sales, a técnica utilizada para chegar à ACBC é fácil. “As diferentes etapas do processamento da cana vão gerando partículas de diversas dimensões, desde a cinza pesada à leve e também a areia que vem em grande quantidade nos colmos da cana, principalmente na colheita mecanizada. O procedimento ‘pós-cinza’ é apenas deixar a granulometria mais próxima da areia natural, para isso é necessário um tratamento de peneiramento e moagem”, esclarece.

De acordo com o professor, o bagaço da cana é queimado nas caldeiras para geração de energia e o resíduo gerado a partir dessa queima é depositado nas lavouras, mesmo sendo pobre em nutrientes.

Os pesquisadores afirmam que os melhores resultados para aplicação do



Fernando Almeida e Professor Almir Sales

material em concreto e argamassas foram notados, principalmente, quando houve a substituição de 30% da areia natural pela ACBC.

“É possível conseguir um concreto tão resistente quanto um concreto convencional, porém mais durável. Como o resíduo é mais fino do que a areia convencional, ele consegue diminuir a porosidade

do concreto, dificultando a degradação”, explica o doutorando Fernando do Couto Rosa Almeida.

O artigo em que o resultado da pesquisa foi publicado recebeu em novembro do ano passado o prêmio Capes Natura-Campus de Excelência em Pesquisa, no tema “Sustentabilidade: novos materiais e tecnologias”.